

FELMANAS (Arnaldo). — *Sua Excelência... Meio-Cidadão*. Prefácio de Menotti del Picchia. Editora Cupolo. São Paulo. 1974. 215 páginas.

“Numa tarde de verão, numa praça de Kaunas, um grupo curioso ouvia atentamente o discursar de um forasteiro, agente de viagens de uma companhia de navegação francesa, que falava sobre as maravilhas do Brasil, e sobre as vantagens fabulosas que esperavam os que para lá emigrassem.

Era eu, então, um jovem recém-diplomado em Direito, por uma Universidade Francesa, e havia pouco que voltara para a minha Lituânia natal...”

“Foi neste estado de ânimo que me acerquei ao grupo que ouvia o agente, naquela tarde tranquila de Kaunas. E foi assim que o Brasil entrou em minha vida” (p. 17).

Felmanas, baluarte dos direitos dos naturalizados no Brasil, é empresário, economista, fundador de bairros de São Paulo e cidadão honorário paulistano.

Analisando o livro de Felmanas, não são apenas os temas inéditos que nos chamam a atenção: os primeiros capitães da indústria; a pesquisa econômica nos anos 40 e 50; a falsa imagem do Brasil no exterior por volta desse período; uma cátedra em Boston para estudar o caldeamento de raças no Brasil; a história do financiamento da casa própria; o Plano Felmanas como precursor da correção monetária no ramo imobiliário; a Faculdade de Filosofia e seus fundadores; a Declaração dos Direitos Humanos e os Naturalizados.

Vemos, além da seriedade dos temas, a argúcia e a sensibilidade do imigrante, a ironia, o idealismo, as lutas contra moinhos, a visão pioneira de um porvir que está acontecendo: discursos provocados na Assembléia, pareceres, polêmicas, depoimentos de políticos e estadistas, momentos decisivos do país, vividos aqui e no exterior, velhas lutas e campanhas em função da imagem do Brasil e do intercâmbio internacional.

Como afirma Vilem Flusser, mencionado no livro de Felmanas, “somos todos imigrantes num mundo dentro do qual fomos jogados e ao qual procuramos desesperadamente assimilar-nos com grau de êxito variável” (p. 215).

“Sua Excelência... Meio-Cidadão” é um brado de inconformismo. É uma dessas obras escritas com a paixão e a obsessão de toda uma vida, em que se mesclam autobiografia, história, política, economia, na atuação ininterrupta por uma causa. É a angústia de desejar “pertencer”, integrar-se, mantendo, porem, o estigma da marginalidade face ao grupo majoritário.

Essa é a força da marginalidade. No Brasil, mulatos, judeus, estrangeiros e mulheres foram nacionalizados es da cultura. Por que? Para se integrem, para serem mais realistas que o rei. Por valorizarem com objetividade e isenção aspectos ignorados da cultura.

O livro de Felmanas é uma história amena, simpática, bem-comportada. Mas há nas entrelinhas desse homem refinado, polido e culto uma busca, uma interrogação, um drama: o moel que impulsionou a luta, a força que produziu a obra.

“Nós, todos nós, imigrantes, tivemos fé. E por essa fé tudo demos à grande terra que nos acolheu. E dela muito recebemos. A igualdade, mas não

a emancipação política de um cidadão com todos os direitos humanos, dentro dos princípios da “Declaração dos Direitos do Homem”, fazendo parte integrante da família brasileira. Queríamos pertencer a ela, queríamos que ela nos acolhesse inteiramente. E nisso fracassamos. Por mais que tenhamos usado nosso ardor para conseguir total integração, nesse ponto o nosso esforço não deu frutos... Por mais alto que subamos, no Brasil, ainda somos todos, em nossos nomes, só “Meio Cidadões”... A procura de uma explicação para este fenômeno constitui a essência desta obra” (pp. 14-15).

Dada a importância da imigração num país como o Brasil, há relativamente poucos trabalhos de pesquisas, em geral restritos aos meios acadêmicos e a ângulos específicos. Felmanas, na introdução do livro, cita o Presidente Kennedy: “Imigração é, por definição, uma atitude de fé na mobilidade social. É a expressão em ação de positiva crença na possibilidade de vida melhor” (p. 14).

Em suas lutas e campanhas Felmanas acreditou nessa possibilidade de vida melhor e sempre acompanhou com entusiasmo a integração dos diversos grupos étnicos. Sua atitude refletia-se inclusive no entusiasmo com que prestigiava os casamentos “mistos” ocorridos na família. Radiante, Felmanas comentava nessas ocasiões: “Aqui, pelo menos, metade dos convidados eu não conheço...”.

LÉA VINO CUR FREITAG.

* * *

*

CHARNAY (Jean-Paul). — *Essai général de stratégie*. Paris, Editions Champ Libre, 1973.

Muito interessante a coleção iniciada e apresentada pelo livro de Charnay nas edições Champ Libre. Sobretudo porque permite retrair a história e as diversas tendências de uma disciplina — a estratégia — que, de arte e técnica da disposição das tropas, evolui para uma concepção global das relações entre Estados e entre povos. O interesse desta disciplina, do ponto de vista das ciências humanas é tanto mais atual, quanto o Poder Militar tende a afirmar-se, em nossas sociedades, não somente como o último bastião, mas também nos postos avançados das sociedades legitimamente constituídas.

Em si mesma, no entanto, a erudição incontestável de Jean-Paul Charnay não basta para que o estudo inaugural da coleção deixe de ser o que o título indicaria num francês literal: um Ensaio Geral. Um texto por vezes belo, um domínio acabado da *mise-en-scène*, um *décor* grandioso, mas a perícia de Charnay em manipular os atores não poderia ser suficiente para fazer a obra passar da *cena* para a realidade.